

Paulo Werneck – muralista brasileiro

A organização do acervo de desenhos deixado pelo artista Paulo Werneck em seu ateliê em Laranjeiras, bairro onde morava e trabalhava no Rio, parecia, de início, uma tarefa trabalhosa, mas simples. Com o apoio obtido viabilizaram-se o restauro, o acondicionamento e a divulgação da obra do artista, além do tombamento de diversos painéis ainda existentes na cidade.

Abrir gavetas e pastas com desenhos originais, documentos, cartas e fotografias é quase sempre uma atividade que gera muitas surpresas. E neste caso as descobertas foram inúmeras. Não apenas com relação à datação de algumas obras importantes da história recente da arquitetura no Brasil, mas, principalmente, no que diz respeito à atuação de Paulo Werneck em um momento singular de construção de uma nova sociedade moderna nos trópicos.

Como artista, Paulo Werneck dedicou-se, no início de sua trajetória, à ilustração de jornais de esquerda e de livros infanto-juvenis. Aos poucos tornou-se colaborador de importantes arquitetos, primeiro como desenhista técnico e depois como muralista. Em 1942 realizou, a pedido dos irmãos Marcelo e Milton Roberto, seu primeiro projeto em mosaico cerâmico – sete painéis para o terraço do Instituto de Resseguros do Brasil. Dois anos mais tarde, em 1944, a convite de Oscar Niemeyer, amigo dos tempos de escola e companheiro de militância política, realizou os painéis laterais da Igreja São Francisco de Assis, na Pampulha.

O mosaico, material de comprovada eficiência e resistência ao tempo, junto com o concreto armado, constituiu-se na época em um dos mais versáteis meios de revestimento. Com suas pequenas pastilhas, fáceis de cortar e aplicar, adequava-se perfeitamente aos ideais modernistas de humanizar espaços amplos e de grandes superfícies planas.

Para atender à grande demanda de trabalho, ainda maior após conhecer Rubem Serra, arquiteto do Banco do Brasil, que o convidou a projetar e executar diversos painéis em cidades brasileiras, Paulo Werneck contratava assistentes e sua mulher, Yolanda. Buscando alternativas que tornassem mais rápida a execução dos painéis, o artista testou e desenvolveu a aplicação de diferentes materiais. Do mosaico cerâmico e vitrificado, partiu para a madeira, o cimento, a fórmica, a resina e o vidro.

Seu ateliê, um abrigo antiaéreo no subsolo de um prédio em Laranjeiras construído em 1945, durante o curto espaço de tempo em que foram obrigatórios tais abrigos em edifícios familiares, era ponto de encontro de artistas filiados ao Partido Comunista

Brasileiro. Ali Cândido Portinari, Carlos Scliar, Chlau Deveza, Glauco Rodrigues, Israel Pedrosa e Oscar Niemeyer, entre outros, participavam de reuniões em que se discutiam a arte, a arquitetura e a política nacional e internacional.

Após a morte de Paulo Werneck, em 1987, uma quantidade considerável de projetos para painéis, para móveis e outros desenhos ficou armazenada neste ateliê, aos cuidados da família. Minha transferência para o apartamento de meus avós, no segundo andar do mesmo prédio, aproximou-me definitivamente de sua obra. Guardava na memória uma das minhas primeiras experiências estéticas: um mocassim vermelho de paninho felpudo e sola de borracha que ganhei dele para ir à escola. Não tinha cadarço e o ajuste era feito por um tecido elástico sobre o peito do pé. No início relutei um pouco, mas meu avô me convenceu. Uma luz atravessava o vitral multicolorido da casa e banhava o sapato que ficava ainda mais vermelho. Olha, me disse, teu sapato fica mais bonito iluminado pela luz do dia. O sapato era a cara dele – leve, confortável e, acima de tudo, ultramoderno!

Aos poucos sua filha Regina Yolanda começou a organizar os desenhos e a pesquisar sua produção como ilustrador. Visitas à Biblioteca Nacional comprovaram o que imaginávamos. Sua produção como ilustrador foi de grande porte; no entanto, excetuando-se os livros amplamente distribuídos para crianças e jovens – *A lenda da carnaubeira* e *O negrinho do pastoreio* –, era veiculada apenas em jornais e revistas de esquerda.

Em 2001, um telefonema de um amigo que trabalhava no DGPC – Departamento Geral de Patrimônio Cultural – fez acender em mim um alerta. O edifício da Rua Senador Dantas, obra dos irmãos Roberto, sofreria uma ampla reforma em sua portaria. O painel em vidrotil e o piso em pedras portuguesas, à entrada dos elevadores, de autoria de Paulo Werneck, seriam removidos, segundo o recém-formado arquiteto responsável pela obra, para dar lugar a “materiais mais nobres”. Meu amigo do outro lado da linha era categórico: “Se vocês não tombarem a obra do seu avô pouca coisa vai ficar de pé!”

A partir desse episódio, 43 painéis foram tombados no Rio a pedido da família. Em 2004, com a criação do Projeto Paulo Werneck e a publicação do website do artista na internet, deu-se início a uma intensa troca de e-mails com pessoas em todo o país. Eram arquitetos, engenheiros, artistas e historiadores interessados em informações. Contavam que ao digitarem o PW, encontrado invariavelmente no canto inferior de cada painel, chegavam, através da internet, ao site oficial.

A reforma da Igreja São Francisco de Assis, na Pampulha, em 2006, mostrou-nos a

importância de medidas como essa. Além de pedirmos a inclusão do nome de Paulo Werneck em todas as publicações sobre a Pampulha que até então atribuíam a Portinari a autoria dos painéis, fornecemos as pastilhas originais nos tons de azul para a reforma da nave.

Nesse mesmo ano deu-se início à organização do acervo e, em especial, dos projetos para painel. Dos mais de duzentos murais construídos em todo o país, a pesquisa confirmou a existência de 98. A maior parte, destruída ou muitas vezes encoberta por camadas de gesso ou cimento, caiu no esquecimento. Cerca de trezentos desenhos originais em guache sobre papel foram restaurados e catalogados, e 52 murais foram fotografados no Rio, Brasília, São Paulo, Belo Horizonte, Cataguases, Niterói e Recife.

Durante a pesquisa boas surpresas surgiram. Na agência do Banco do Brasil do Posto Seis, em Copacabana, por exemplo, descobriu-se, em reforma recente, um painel em mosaico vitrificado com 14 metros de extensão. Outra importante descoberta foi a de dois painéis de 7 metros de comprimento na entrada do Museu do Futebol no Estádio do Maracanã. Resistiram às sucessivas reformas que derrubaram paredes revestidas com mosaico padrão em tons de azul, também de autoria de Paulo Werneck, na entrada principal do Estádio.

Esta exposição busca contar essas e outras histórias. Reúne estudos preparatórios e projetos para painéis, especialmente executados em mosaico cerâmico e vitrificado, além de alguns projetos em madeira e cimento. Agrupa projetos por afinidades estéticas, sem preocupação cronológica, uma vez que o artista, ao longo de sua trajetória, lançou mão, quando necessário, de seu variado repertório de imagens figurativas, abstratas e geométricas replicadas em padrões.

É importante destacar a ajuda de Alfredo Britto, arquiteto e amigo de Paulo Werneck, que desde o início nos orientou e motivou; de Claudia Zarvos, designer e amiga da família, que contribuiu para a organização dos desenhos; de Henrique Gougon, jornalista e escritor que descobriu e fotografou diversos painéis que julgávamos destruídos no Rio, Brasília, Belo Horizonte e outras cidades; de Cleusa Deveza, segunda mulher do artista, e Otto Muller, amigo de toda a vida, com seus depoimentos e sua torcida; da equipe de pesquisa e museologia do Projeto Paulo Werneck e de todos aqueles que trabalharam e contribuíram para o projeto. Todo esse engajamento não existiria sem a determinação e paixão com que Regina Yolanda, minha mãe, cuidou do acervo, ao longo de tantos anos, transmitindo a todos nós a importância de sua preservação e divulgação.

Agradecemos ainda a atuação do Departamento Geral de Patrimônio Cultural (DGPC) da Prefeitura do Rio e o patrocínio da Petrobras, que permitiram que a obra de Paulo Werneck e um conjunto de aspectos inéditos da história da arte e da arquitetura moderna brasileiras fossem preservados e sejam apresentados pela primeira vez ao público.

Neste momento de revisão do modernismo é fundamental trazer à luz a contribuição de Paulo Werneck para a história da arquitetura e das artes visuais no Brasil. Através de seu trabalho inovador, complementando e valorizando edifícios e monumentos, podemos identificar o que Frederico de Moraes chamou de vocação construtiva brasileira. Diz o autor e crítico: “Em uma sociedade como a nossa, onde tudo está por fazer, por construir, a arte, integrando um esforço de definição de um projeto nacional e/ou continental, adquire o sentido de organização do real, de transformação e construção de uma nova sociedade”.¹

Claudia Saldanha

¹ Moraes, Frederico. *Artes plásticas na América Latina: Do transe ao transitório*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.